

ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA: A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DISCURSIVAS DA CIDADE DE ITABAIANA/SE EM *OS TABARÉUS DO SÍTIO SARACURA*

Flávio Passos Santana (UFS)
flavio_cdb@hotmail.com

Introdução

O município de Itabaiana é o quarto maior do estado de Sergipe e fica a 54 km de distância da capital, Aracaju. Nos jornais, revistas e livros tanto locais quanto nacionais são criadas diversas imagens discursivas desse município, a saber: Cidade dos Caminhoneiros, da Cebola, do Ouro, além de Cidade Violenta, dentre outras. Por conta desse grande número de imagens que Itabaiana recebe, pelo fato da importância do estudo do ethos (imagens criadas no discurso) na atualidade e também por fazermos parte do *campus* Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, situado na cidade em questão, propomos, neste trabalho, observar quais as verdadeiras imagens criadas deste local. E, para isso, utilizamos como *corpus* o livro “Os tabaréus do Sítio Saracura” escrito pelo itabaianense Antônio Francisco de Jesus. Em nossas análises, nos atentamos a observar e a descrever as estratégias argumentativas utilizadas para a construção do ethos desse local e a forma como o autor persuade seu auditório a fim de que este entre em acordo com o seu discurso. Nesta obra, que se assemelha ao romance memorialista, o autor descreve fatos ocorridos durante a sua infância na zona rural e urbana de Itabaiana, nas décadas de 40 e 50, e também a fatos e personagens relacionados à história local. Além disso, nos atentamos para a forma como a identidade feminina foi estabelecida no romance por meio do discurso: como a mulher era vista na época; seus princípios; suas responsabilidades; seus direitos e seus deveres; e seu silenciamento diante de um sistema patriarcal. Justificamos a relevância desta pesquisa por trazer à baila discussões a respeito de questões sociais, históricas e ideológicas que, dessa forma, acarreta o resgate e a valorização da cultura da cidade, bem como de seu povo, tendo em vista a importância que isso possui para a constituição de uma sociedade. Para tal fim, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da retórica aristotélica, dos Estudos Argumentativos alvitados por Perelman e Tyteca (2005), questões relacionadas à Análise do Discurso de linha francesa propostas por Amossy (2005) e Maingueneau (2005), e também alguns conceitos da Semiótica greimasiana de Barros (2003).

1. Os Tabaréus do Sítio Saracura e Menino de Engenho

Essa obra, que tem as características do romance memorialista, por tratar de questões do passado que o orador vivenciou durante sua infância, nos remete à obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, escritor memorialista que tratou, em seus romances, do Ciclo da cana-de-açúcar, na Paraíba. A diferença é que, em *Os Tabaréus do Sítio Saracura*, o orador irá tratar de assuntos referentes à Itabaiana, desde a colonização, os combates com os índios locais, advindo pela construção da árvore genealógica de sua família, toda a sua infância e finalizando com sua ida para um seminário na capital sergipana, Aracaju. Portanto, acreditamos ser pertinente a alusão ao romance de José Lins do Rego, por ambos estarem de acordo com as características dos romances memorialistas e também por possuírem uma continuação da história em outro livro, o qual se inicia, por seu turno, quando os protagonistas saem do sítio/engenho e vão estudar em áreas metropolitanas – *Os Tabaréus do Sítio Saracura* com a continuação em *Os meninos que não queriam ser padres*; e *Menino de Engenho* com *Fogo morto*.

Justificamos o grau de importância dos romances memorialistas, na medida em que, além de utilizarem a arte da escrita para contar uma história tida como “verdadeira”, tornam-se livros históricos, pelo fato de o escritor buscar fontes históricas e utilizar suas memórias para descrever como era a sociedade e a cultura da época. Sabemos que a literatura possui esse poder, que é o de mostrar aquilo que ocorreu no tempo em que a obra foi escrita, no entanto, o romance memorialista conta as impressões vividas pelo autor, o que talvez torne esse tipo de livro mais persuasivo pelo fato de haver uma aproximação maior com o leitor.

Ainda seguindo a linha de raciocínio anterior, trazemos o que diz Farias (2012), em seu ensaio, ao afirmar que há algo que deve ser levado em consideração nas narrativas de gênero memorialista que é

[...] a impossibilidade de correspondência “fidedigna”, de coincidência identitária, entre o “eu” que narra e aquele que é objeto da narração. Mesmo considerando-se que “modelo” e ‘redator’ perfazem nas autobiografias uma única figura, a identidade pretendida é apenas efeito de uma forma retórica, responsável pela dramatização do sujeito em uma unidade indissolúvel (FARIAS, 2012, p. 67).

Levando em consideração esses apontamentos, podemos dizer então que, no gênero memorialista, assim como em todo discurso, o orador constrói seu discurso com o intuito de obter a adesão por meio da persuasão de seu auditório. Ora, não é porque nesse tipo de gênero sejam relatados fatos “reais” que sua composição não se estrutura no verossímil, numa aparência da verdade, ou seja, em uma representação da verdade que é alimentada por conhecimentos que surgem quando não existem provas coerentes. No caso específico do romance analisado, o orador deixa claro para o seu auditório que, além de ele escrever fatos de que se recorda, também utiliza casos contados pela sua mãe e que o livro mescla ficção e realidade e nomes verdadeiros com casos imaginados e vice-versa. Isso também fica comprovado quando o é proferido como as pessoas se comportam ao ouvir as histórias que sua mãe conta.

Quando surge alguém que a escuta mais um pouco, no momento seguinte esta pessoa não se lembra mais dos detalhes do caso e, se vai recontá-lo, o faz de maneira inadequada, eivando-o de fantasias, misturando personagens e fatos. Florita incomoda-se com isso, mas silencia encorajadora. Muito pior seria a morte definitiva da história (JESUS, 2012, p. 11).

Ademais, além de essas histórias serem recontadas de forma diferente da narrada por Dona Florita, devemos ressaltar que a própria Florita acrescentava fatos às narrativas que havia escutado, incorporando sua própria narrativa às histórias já reproduzidas e assimiladas: “Tudo que pudesse, mamãe escutava com interesse dobrado e, depois, na casa de pai Totonho, ou então na volta, em nossa casa, recontava, floreando um pouquinho onde achava que merecia, para tornar mais interessante o caso” (JESUS, 2012, p. 16).

Vemos, então, que o importante para a mãe do autor/personagem é a propagação da história da família, independentemente da veracidade, além de que o fato de haver “acréscimos” nas histórias que a matriarca conta pode sugerir que o orador se utilize também desse “aumento” ou “não fidelidade da história real”, o que evidencia ainda mais que o romance memorialista não é apenas reprodução de uma realidade, mas que é construído de acordo com a imagem que o orador pretende criar sobre aquilo que deseja reproduzir e sobre si mesmo na construção de um registro literário.

Segundo Farias (2012, p. 68), de acordo com as questões ocorridas no modernismo brasileiro, a autobiografia pode ser entendida como um “exercício narcísico de classe”, que tem como base a repetição sobre si mesmo “via espelho retrovisor”. Isto é, o orador reproduz

aquilo que vivenciou baseando-se nas suas memórias, o que também nos leva a nos atermos na importância que esse gênero oferece ao contar a história do passado, numa perspectiva atual:

[...] a narrativa memorialista [contemporânea da pós-moderna] é necessariamente histórica (e nesse sentido é mais próxima das grandes conquistas da prosa modernista), isto é, uma visão do passado no presente, procurando camuflar o processo de descontinuidade geracional com uma continuidade palavrosa e racional mais experiente. A ficção pós-moderna, passando pela experiência do narrador que se vê – a si ontem no jovem de hoje, é primado do ‘agora’ (FARIAS *apud* SANTIAGO, 2012, p. 73).

Com isso, nota-se a remodelagem do passado narrativo por meio de uma abordagem que parte do aqui/agora, na qual o narrador se baseia e expõe suas experiências, fazendo, assim, literatura.

2. A Construção do Ethos

Segundo Aristóteles, o termo ethos é um dos componentes do que ele chamou de triângulo retórico. Para o estagirita, esse triângulo é composto pelo ethos, pelo pathos e pelo logos, sendo o ethos a imagem que o orador constrói de si no momento que profere seu discurso; o pathos, a imagem que o orador tem do seu auditório, a qual utiliza para construir seu discurso; e o logos, que, por sua vez, seria o próprio discurso do orador.

Amossy (2005, p. 9) nos diz que, para construir a imagem de si, o locutor não precisa falar sobre ele mesmo, porque, a partir do seu estilo, de suas crenças, de suas competências linguísticas e enciclopédicas é possível obter essa imagem. Com base em Fiorin (2008, p. 139), o ethos é explicitado na enunciação enunciada, que seriam essas marcas deixadas no enunciado às quais Amossy se referiu. Já Ferreira (2010, p. 90) fala que, atualmente, além de o ethos ser a imagem que o orador constrói de si no texto, é também a imagem que ele constrói de outros em seu texto. Por conseguinte, algo que deve ser sempre enfatizado na análise da construção do ethos é que essa imagem construída pelo orador não diz respeito ao autor real, de carne e osso, mas sim a um autor discursivo, um autor implícito.

Falar em análise do ethos do enunciador seria o mesmo que dizer análise do ator da enunciação, porém, Fiorin (2008) vai nos mostrar que há diferentes níveis enunciativos dentro de um texto, que são o enunciador, o narrador, e o interlocutor. Passando ao nosso objeto, podemos dizer que na obra literária que propomos analisar poderemos encontrar, de forma mais completa e confiável, apenas o ethos do narrador e do interlocutor, tendo em vista que, para se encontrar a imagem do narrador, precisamos analisar uma obra singular, nesse caso, o livro *Os Tabaréus do Sítio Saracura*; e o ethos do interlocutor é construído por um personagem dentro da obra, “com todas suas características físicas e psíquicas”. Já a construção do ethos do enunciador só seria possível de ser realizada se estudássemos a obra inteira de um determinado autor, nesse nosso caso, seriam as obras do escritor itabaianense Antônio Francisco de Jesus, cuja autoria se estende aos livros *Meninos que não queriam ser padres*, *Tambores da Terra Vermelha*, *Minha querida Aracaju aflita*, etc. Com isso, quer-se dizer que, analisando só um dos romances, podemos ter “indícios” do ethos do enunciador, mas a confirmação dessa imagem só se daria com o estudo do conjunto de sua obra.

Cohen (1975, p. 156) expõe que Aristóteles conceitua a retórica como “a arte de extrair de todo sujeito o grau de persuasão que ele comporta [...] a faculdade de descobrir especulativamente o que em cada caso é próprio para persuadir”. Nesse caso, entramos na questão dos meios persuasivos, a partir de argumentos, que o orador deve possuir para que

consiga a “adesão dos espíritos”, termo utilizado por Perelman e Tyteca no *Tratado da Argumentação*.

Aristóteles, em seu livro *Retórica*, vai nos dizer que há três meios de persuasão ocupados pela palavra:

O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito [...]. Esse tipo de persuasão, semelhantemente aos outros, deve ser conseguido pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie seu discurso [...] pode-se considerar seu caráter; por assim dizer, o mais eficiente meio de persuasão de que dispõe (2011, p. 45).

Atentando-se ao caráter do orador que Aristóteles menciona, Amossy (2005) nos apresenta o conceito de estereotipagem, que, segundo a estudiosa, ocorre quando se pensa o real tendo como base uma representação cultural que já existe, “um sistema coletivo cristalizado”. Nesse caso, o auditório observa e avalia o orador de acordo com um modelo pré-construído. Isso quer dizer que apenas a partir de um determinado gênero discursivo, ou de questões ideológicas produzidas, o auditório pode criar um ethos prévio do orador. No entanto, esse ethos prévio pode ser confirmado, como também pode ser modificado, já que a imagem do orador que é construída no discurso se caracteriza a partir da interação verbal, e ela é grande responsável pela capacidade de que o orador dispõe para agir sobre seus alocutários.

3. As Figuras de Retórica e Argumentação

Perelman e Tyteca (2005, p. 189), no *Tratado da Argumentação*, trazem informações a respeito dos estudos das Figuras de Retórica e Argumentação, nos informando que “provavelmente desde que o homem meditou sobre a linguagem, reconheceu-se a existência de certos modos de expressão que não se enquadram no comum”. Nesse sentido, podemos entender que as figuras sempre existiram nos discursos e são termos e expressões que nos causam espanto ou que são inesperados no gênero em que foram utilizados. Mariano (2007, p. 137), em sua tese de doutorado, também adentra esses estudos, apresentando que “Há que se tomar cuidado para compreender que figura não é o desvio que chama a atenção, uma vez que ele é neutralizado em sua captação, mas o inesperado que significa e que contribui para a eficácia argumentativa do discurso”.

Os escritores do *Tratado* dividem as figuras em três tipos, a saber: figuras de presença – argumentos utilizados para manter no texto a presença daquilo que está sendo proferido, tendo o intuito de convencer o outro pela exaustão, ou seja, seleções feitas pelo orador que o levam a usar este ou aquele termo, esta ou aquela construção sintática, a observar este ou aquele tema, sempre tendo em vista a imagem que ele faz do leitor e essa intenção de surpreender o outro –; figuras de escolha – escolha de estratégias linguísticas e discursivas –; e de comunhão – emprego de argumentos que façam com que o outro se identifique com o seu discurso, para isso, pode ser utilizado, por exemplo, conhecimentos compartilhados entre o orador e o auditório.

As figuras se diferenciam dos argumentos esperados pelo fato de estes, geralmente, persuadirem pela razão, enquanto as figuras têm em vista a emoção do leitor e vão provocar estranhamento, riso, choro, saudade de um tempo vivido, etc. Essa saudade, ou a nostalgia, é uma das principais paixões que o romance memorialista pretende provocar/conseguir do

leitor, na medida em que fala de um tempo já transcorrido. É importante ressaltar que os gêneros literários são mais figurativos do que outros, como os acadêmicos, por exemplo, já que provocar paixões é um dos seus principais objetivos. Essa figurativização não se encaixa somente no sentido das figuras de argumentação e retórica, como também na figurativização da semiótica greimasiana: usam-se temas/termos/expressões que provoquem paixões e se concretizam mais esses temas para que gerem sensações sinestésicas (para que o leitor consiga enxergar/perceber o que é descrito), como a partir da descrição do Sítio dos Saracura poder visualizá-lo, sentir o aroma que o beiju exala no momento em que é feito ou o cheiro do mato na roça, além do toque da lâmina que decepou o dedo da irmã do protagonista.

Partindo desses conceitos das Figuras de Retórica e Argumentação, podemos entender que, o título da obra *Os tabaréus do Sítio Saracura*, apresenta figuras de escolha e de comunhão, tendo em vista que pode ser considerado um título diferente, inesperado, por ser composto por uma expressão dita “não culta” e estar estampada na capa de um livro, intitulado-o. A figura de escolha aparece no uso do termo linguístico “tabaréus”, termo este que é utilizado frequentemente no interior da região, fato este que não torna o livro restrito a pessoas de outras regiões ou até mesmo do país; além disso, esse termo não deixará de ser considerado uma figura de escolha por esse motivo, se pensarmos que pessoas de outros lugares (fora da cidade de Itabaiana) conheçam ou não o termo, pois acreditamos que, mesmo assim, causará a sensação de inesperado ao se deparar com o nome “tabaréus”, por ser mais coloquial, corriqueiro, e até por fazer parte do vocabulário dos indivíduos das áreas mais interioranas.

Podemos, ainda, apontar aí o uso de uma figura de comunhão, visto que esse termo é mais restrito aos habitantes locais e pouco conhecido do público geral, caracterizando um conhecimento compartilhado com um auditório particular. No entanto, Perelman e Tyteca (2005, p. 34-35) tratam da intenção de um orador de atingir um auditório universal; com esse intuito ele “arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas, ou mesmo francamente opostas, ao que admitem outras pessoas que não aquelas a que, naquele momento ele se dirige”. Esses autores afirmam que uma argumentação que tem em vista o auditório universal deve convencer o outro “do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais ou históricas”. Nesse caso, esse termo pode ser considerado como figura de comunhão também para o auditório universal, por conta de possuir uma validade intemporal, ou seja, era e ainda continua sendo usado na linguagem popular. Além do uso da palavra “tabaréus” no título do livro e que é desconhecido por alguns, serão utilizados outros no decorrer da narrativa, só que, desta vez, não se encontram no dicionário, sendo esta a razão de o escritor indicar, no primeiro capítulo, aos leitores, que os significados estarão disponíveis no final do livro. Isso comprova que o orador utilizou-se dessa estratégia conscientemente, já pensando em quem poderia ser seu auditório, mostrando, com isso, um orador eficiente e preocupado com seu público.

4. Tonho de Zé de Pepedo

A narrativa se constrói a partir da figura do narrador-personagem Tonho de Zé de Pepedo, que, inicialmente, faz um levantamento histórico de sua árvore genealógica desde a invasão dos estrangeiros e das lutas com os índios na fundação de Itabaiana até a sua infância no Sítio Saracura, localizado nesta mesma cidade, em Sergipe.

Tonho de Zé de Pepedo é o filho “macho” mais velho de Florita e Zé de Pepedo Saracura. Sua mãe, conta o orador, no início do casamento com seu pai, ia de quinze em quinze dias para a casa dos pais dela e sempre levava um dos filhos. Quando ele (o protagonista) era o escolhido para acompanhar a mãe na viagem se sentia maravilhado e importante: “Ali me sentia o homem da família, o representante do marido ausente, e tinha

que proteger a fêmea de qualquer predador” (JESUS, 2012, p. 15). Sempre que a mãe parava para conversar com algum amigo na estrada “Olhava feio para o intruso e puxava o rabo da saia da mamãe, insistindo para continuar logo a viagem [...] O guardião do tamanho de nada, botando as unhas de fora! Acho que mamãe nem percebia meu ciúme e brigava” (*Idem, ibidem*). De acordo com as citações apresentadas, encontramos indícios de um ethos machista e ciumento do orador, pois ele utiliza o sinônimo “fêmea” para se referir à mãe, mostrando-se superior por acreditar estar ocupando o lugar de marido, isto é, ele entende que, no patriarcado, a figura masculina sobrepõe-se à feminina. Ademais, há o sentimento de ciúme presente nesses trechos, o que também pode referir-se a esse machismo explícito, pelo fato de estar ocupando o lugar do pai e entender que é dono daquela “mercadoria”, se observarmos que o orador refere-se à mãe como se fosse um animal ao fazer uso da expressão fêmea, que, na maioria das vezes, serve para distinguir o sexo de animais.

Percebe-se também que esse posicionamento está relacionado ao momento histórico e social retratado, em que a mulher era vista assim pela sociedade: dependente, inferior e com uma função bastante limitada: a procriação, o que segue a mesma direção do vocábulo “fêmea”, adotado pelo autor. É importante salientar que reminiscências desse tipo de pensamento ainda persistem nos dias atuais, seja nos salários menores recebidos pelas mulheres, seja pela exploração do corpo feminino em propagandas e programas de TV ou pela estereotipagem da imagem da mulher na mídia de um modo geral.

Nesse mesmo capítulo, alguém conta para a mãe de Tonho de Zé de Pepedo que uma amiga de infância dela, Maria de Tunilo, havia fugido com Romão e que o casal estava esperando o pau-de-arara completar a lotação para irem para São Paulo, já que Romão descobriu que sua recém-mulher casou sem ser virgem:

- Maria não era mais moça desde a última santa missa dos capuchinhos, acontecida em Itabaiana. Um namorico ligeiro com um boiadeiro que passou um dia na cidade, enquanto João ficara no sítio [...]. Como não pegou barriga, ficou de bico fechado e pediu às amigas que estavam com ela que guardassem segredo (JESUS, 2012, p. 16).

A mãe de Tonho, curiosa para saber como foi que Romão descobriu o ocorrido, pergunta para a amiga, que responde: “- Foi fácil! Ele percebeu a cancela aberta. E ela nem para disfarçar, lavando a dita antes com pedra-ume (*sic*). Depois... só foi apertar. Ela abriu o bico e, em nome do amor, contou o acontecido” (JESUS, 2012, p. 16).

Logo, o motivo da ida do casal para São Paulo se deu por conta de que, quando Romão foi “devolver” a mulher para seu pai, “este não a quis receber e ainda fez um gesto de degolamento com a mão apoiando no cabo da faca peixeira [...]. Todos sabiam que o velho sangrara uma meia dúzia de cabras em Alagoas, de onde viera corrido há alguns anos” (JESUS, 2012, p. 16).

Com base nesses fatos, reitera-se a imagem da mulher como ser totalmente passivo na época e se vê que ela é tratada como uma mercadoria, tendo em vista a passagem que João foi “devolver a mulher” como se fosse um objeto que veio com defeito e exigia devolução. No entanto, essa devolução não ocorreu por conta da figura perigosa que era o senhor Tunilo, a partir disso, podemos relacionar o itabaianense como homem perigoso e valente. Isso já foi levantado em trabalhos anteriores¹.

1 Pudemos evidenciar, em trabalhos anteriores, a imagem de itabaianenses que fazem uso da valentia como forma de defesa e que se assemelham a homens perigosos, como o famoso Lampião. Esse trabalho foi publicado na Revista Eletrônica EID&A (Estudos Integrados em Discursos e Argumentação) da Universidade Estadual de Santa Cruz. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista5/eidea5-05.pdf>

Ainda com base no casamento de Maria e João, podemos evidenciar um povo que valoriza, dentro do tempo e do espaço retratados, a virgindade acima do amor, já que Romão não aceita sua mulher após descobrir que esta não é mais “moça”. Também vemos a figura da mulher como “aventureira”, pelo fato de Maria ter perdido sua virgindade com um boiadeiro enquanto João “ficara no sítio empatado numa farinhada emendada”. Outra questão de relevante valor é a valorização da crença popular, quando é dito que se fosse utilizado a “pedra-ume” na primeira noite com o marido, este não teria descoberto que Maria não era mais virgem.

Essa valorização da cultura popular tem grande destaque no decorrer do livro, como, por exemplo, no capítulo 15, que diz respeito à grande mortalidade infantil que havia na região naquela época, e isso por conta da falta de conhecimento e de médicos. O orador elenca alguns “remédios” e simpatias que eram indicados pelos mais velhos:

Seriam os remédios malucos, como urina quente para curar ouvido estourado de pus, ou chá de casca de baratas para curar um monte de doenças? Ou rezas fortes para espantar a rosa suja [...] Além das simpatias... Vinte talhos no tronco do cajueiro entremeados com reza: “cobreiro brabo, cortei a cabeça e o rabo”, para secar as feridas purulentas provocadas pelo mijo do “botó”. Para curar verrugas, picotar uma maníba verde na intenção de cada uma verruga e depois jogar a maníba no telhado [...] Os dentes de leite arrancados devem ser jogados no telhado enquanto o desdentado canta: “Mourão, mourão! Tome seu dente podre e me dê um são!” [...] “Nervo torto, carne quebrada e osso rendido! São Frutuoso é que cura tudo! Com as palavras de Deus e da Santa Virgem Maria, amém!” era o trecho de uma reza para curar o que muitos médicos nem operando conseguiam fazê-lo” (JESUS, 2012, p. 85-86).

Nessas últimas linhas, vê-se a força que a fé divina possuía diante da medicina, disponível para poucos naquele tempo, já que se afirma que essa reza cura o que muitos médicos não conseguem. Isso mostra o tratamento de um povo que, além de acreditar nas crenças populares, é muito religioso e dá muito valor à fé e à tradição.

5. Os Tabaréus

Segundo o *Dicionário Magno de Língua Portuguesa*, o conceito de tabaréu diz respeito a “s.m. Soldado inexperiente. (Fig. Pessoa tímida. (Bras.) Sertanejo, caipira. Fem. Tabaróia” (p. 837). De acordo com o que é descrito no livro, podemos entender o tabaréu como sendo o habitante de povoados mais retirados, aquele que é inexperiente, que não conhece as coisas, que não sabe se vestir e falar “corretamente”, que é “diferente” das pessoas que moram na cidade por ser mais rústico. Para comprovar esses fatos, exemplificaremos com episódios mostrados na obra.

Como dissemos, o tabaréu também é conceituado como aquele que é inexperiente, e o episódio que selecionamos para exemplificar isso se refere especificamente à tabaróia (feminino de tabaréu) Francisca, que se casou com seu tio. Mas, antes de contarmos a inexperiência de Francisca, explicaremos, de acordo com a obra, como tudo aconteceu. Segundo o orador, naquela época era normal o casamento entre membros da mesma família. Quando Francisco (futuro esposo e tio de Francisca) ficou viúvo, tinha muitos filhos, mas resolveu casar-se novamente e pediu a mão de Francisca “muito pobre e tida como retardada”. Os pais da moça aceitaram o casamento, visto que Francisco “tinha posses” e “viram no pedido de casamento mais uma oportunidade de negócio” (JESUS, 2012, p. 68). Já o padre dizia que só realizaria o casamento do tio com a sobrinha com a autorização do Papa, o que

desanima totalmente a mãe de Francisca: “Como é que um papa, em Roma, vai perder tempo em autorizar um casamento aqui em Itabaiana?” (*Idem*, p.69). Em vista desse contratempo, Francisco promete ao padre recuperar as duas torres da igreja e, alguns meses decorridos, “depois de muitas idas do noivo à igreja, e o iminente risco de as torres da matriz ruírem pelo adiamento contínuo do início das obras” (*Idem*, p.69), chega a carta do Papa autorizando o casamento.

A figura da tabaroa Francisca é construída a partir de sua inexperiência sobre questões relacionadas ao ato sexual. Pelo fato de a personagem não ter engravidado ainda, quando seu tio-esposo já havia tido quase vinte filhos, suas amigas lhe perguntam o motivo da demora da chegada do primeiro filho do casal:

- Eu acho que o problema é meu. Nunca devia ter casado. Toda noite, quando tio Francisco se levanta de manhã para tirar o leite das vacas, eu deito no seu lado da cama, ainda quentinho. Tiro toda a minha roupa e fico aconchegada ali por mais de uma hora. Mas não fico prenha. Não sei mais o que fazer (JESUS, 2012, p. 69).

Nesse caso, a inexperiência de Francisca a caracteriza como tabaroa, mas essa imagem é logo desconstruída pelo fato de suas amigas a ensinarem como deveria fazer para engravidar. Logo depois, Francisca aprende as artimanhas e ainda acaba tendo cinco filhos com seu tio-esposo. Para além disso, é interessante repensar, a partir desse episódio, a imagem da mulher novamente vista como um ser objetual. Isso é reforçado, na narrativa, quando os pais de Francisca aceitam o casamento da filha como uma forma de negociação de uma mercadoria, já que eram pobres e o futuro marido possuía algumas posses, nesse caso, o casamento traria benefício para eles. Sobre a imagem do padre, por seu turno, podemos fazer uma alusão ao padre e ao bispo presentes na obra de Ariano Suassuna *Auto da compadecida*, em que o escritor faz uma denúncia, de maneira cômica, dos atos corruptos cometidos pelos religiosos. De forma semelhante, na obra que compõe o nosso *corpus*, vemos que o interesse do padre na reforma das torres é mais importante do que sua palavra inicial, que era fazer o casamento apenas com a autorização do Papa, pois o orador deixa indícios de que essa autorização não chegou, mas que foi forjada, como uma troca de favores que beneficiaria as partes envolvidas.

Segundo o escritor, ele não gostava de ser chamado de tabaréu. Para ele, era uma ofensa e o irritava. No entanto, apesar de não gostar, foi chamado assim diversas vezes, tanto pelas tiradeiras de junco da lagoa quanto pelos meninos que moravam na cidade, visto que tinha que passar pela casa deles sempre que ia para a cidade de Itabaiana. Pela forma como o orador descreve essa negação do termo quando criança, ele nos mostra que a expressão era tida como algo horrendo e de baixo calão, já que, quando descreve as tiradeiras de junco e os meninos da cidade, ele constrói uma imagem de pessoas que, para ele, não deveriam chamá-lo de tabaréu por pertencerem a uma classe socioeconomicamente tida como inferior a que ele pertencia como se pode notar em: “Até as tiradeiras de junco da lagoa, mulheres pobres que moravam em pequenos casebres na periferia de Itabaiana” (JESUS, 2012, p. 162). “Era um bando de moleques imundos, que brincava de bola ‘marraite’ no chão batido em frente a um casebre” (*Idem*, p.165). Nesse caso, para ele, o que os diferenciava era o lugar de onde vinham: Tonho, do Sítio; e os outros, da cidade, e isso, por si só, demarcava a inferioridade que viam nele.

Outras expressões que ele considerava como ofensa eram “Papa-terra” e “Amarelão”, pois, segundo ele, “Essas ofensas me feriam profundamente. Não que os xingamentos fossem injustos. Mas não aceitava ser apontado publicamente como tal” (JESUS, 2012, p. 165). Como o orador evidencia, ele não gostava de ser chamado de tal modo, apesar de saber que comia terra. Nessa perspectiva, o capítulo 30 trata das crianças que comem terra, inclusive

Tonho (o protagonista). O “lanche” acontecia, conforme conta o orador, por ser um “vício incontrollável”, além de que o barro vermelho “cheiroso [...] enchia a boca de água só de pensar” (*Idem* p. 167-168). Essa comilança de terra também os torna tabaréus, visto que a ação acontecia apenas com os meninos do sítio, talvez por serem muito inocentes ou inexperientes e por não saberem o risco que corriam. O fato de os meninos da cidade o chamarem de “Papa-terra” indica que os meninos da rua não possuíam esse hábito, este que é apenas mais um motivo que comprova e conceitua os tabaréus como sendo os moradores do Sítio.

Mediante tais acontecimentos, fica evidenciado que, para o perfil social da época, o mais importante para o *status* social era a localização da moradia e não o poder econômico das famílias. Os que residiam no campo até podiam ter mais posses do que alguns moradores das cidades, mas estes últimos se sentiam superiores por estarem inseridos na modernidade. Semioticamente, podemos ver aqui uma oposição natureza X cultura, em que o primeiro termo é tido como negativo, bem como a oposição moderno X ultrapassado, em que aquele é visto como positivo. É mostrado que morar na cidade é valorizado, além de ter hábitos citadinos, e que a vida e os costumes dos moradores da roça são repudiados. Na verdade, isso perpassou a história de muitas famílias nordestinas no século XX: não importava se um parente ia para a capital de seu estado ou para a cidade de São Paulo (tida como o “modelo de modernidade”) e não conseguia se instalar de forma digna. O que importava é que ele estava na cidade grande! Hoje, embora em escala menor, ainda há essa valorização, e os termos tabaréu, caipira e Jeca são considerados pejorativos, sendo utilizados para inferiorizar o indivíduo que está longe dos grandes centros metropolitanos.

5. A mulher em *Os Tabaréus do Sítio Saracura*

No capítulo 34, em que são descritos os procedimentos para o feitio da farinha, o orador expõe qual a fonte de renda de sua mãe e de todas as donas de casa, em todos os sítios:

A tapioca ficaria ali até o final da farinhada, sendo acrescida com a que vinha de outras prensas, formando uma camada branco-amarelada no fundo do cocho. Pertencia a mamãe! Ela podia vender apenas a tapioca da prensa e os ovos das galinhas [...]. Não adiantava pedir dinheiro a papai. Vez por outra, lavando a roupa no tanque, mamãe encontrava alguma moeda perdida ou uma nota solitária e amassada lá no fundo do bolso da calça da feira. (JESUS, 2012, p. 193).

Nota-se, nessa passagem, como Dona Florita (mãe do orador), além de trabalhar na sua própria casa e nas farinhadas, ainda tinha que vender a tapioca e os ovos para obter algum dinheiro, já que, como foi dito, seu marido não lhe ajudava financeiramente. Além disso, a renda que essas mulheres conseguiam com a venda dos produtos era destinada para comprar roupas para os filhos, linhas, botões, “tudo que não fosse grande”. Isto é, a renda que conseguia não era destinada a algo específico para elas, mas para os filhos e utensílios para a casa.

Aqui, mais uma vez, vemos a força de vontade e o grande desempenho da mulher que, pelo fato de o marido não deixar dinheiro à sua disposição, vai em busca de outras fontes de renda, mesmo tendo diversas obrigações com o sítio e com a família. Também vemos a mulher sendo inferiorizada, já que devia se contentar com as sobras e não tinha independência financeira. Nessa perspectiva, ocupa um lugar secundário na família, não sendo responsável pelo sustento da casa, mas por detalhes ou serviços e objetos menos valorizados.

D. Florita, apesar de passar por essa submissão que é retratada na obra, mostra-se como uma mulher que consegue aquilo que deseja. Vejamos a passagem em que ela sabe que

o marido irá discordar em colocar a filha no curso de corte e costura, mas não perde a esperança:

Sabia que papai não iria concordar, reagiria com raiva. Mas, depois de tantas derrotas, já aprendera alguns atalhos que poderiam levá-la a uma meia vitória. A sua persistência e, algumas vezes mesmo, a intransigência a fariam sofrer muito a vida inteira. Mas podem ter sido o que nos transferiu para outro mundo, diferente do que o destino inicialmente nos reservara [...]. – Mas que mulher implicante é essa?! Não tá vendo que não dá certo?... Para que Marinês aprendendo a costurar? [...]. Apesar de discordar, uma semana depois, no sábado, ele mesmo estava levando a filha na garupa do cavalo para a escola de corte e costura (JESUS, 2012, p. 208-09).

Isso também se repete quando D. Florita anuncia que colocará Tonho na escola por acreditar que já está na hora de ele começar a estudar:

Mamãe achava que eu deveria ir para a escola, já fizera seis anos. E tomou suas providências, anunciando enquanto carregava os pratos de feijão para mais um almoço: - Na semana que vem, Tonho vai para a escola. Já falei com dona Zinha. Papai não gostou da ideia. Logo agora que eu ficaria mais forte e começava a ajudá-lo, vinha essa de escola. Mas ele sabia que não conseguiria escapar. Mais cedo ou mais tarde, mamãe ia conseguir (JESUS, 2012, p. 224).

Dessa forma, D. Florita acaba sendo um exemplo de “rebeldia” para as outras mulheres da região, tendo em vista que, mesmo sabendo da aversão do marido por colocar os filhos na escola, acaba insistindo e conseguindo aquilo que ela almeja para os filhos. Por conta disso, ela acaba sendo a grande responsável pela mudança da família Saracura. Observa-se que o próprio autor, que declara não ter nenhum jeito para a lida, acaba sendo beneficiado por essa força feminina de D. Florita. Portanto, o pai não determina o futuro dos meninos. A mãe não queria que a vida de seus filhos se repetisse como a das pessoas da região, por isso os encaminhara para os estudos.

Assim sendo, a próxima geração, sem dúvida, já seria diferente, pois os meninos e as meninas estudaram, aprenderam um ofício, alguns fizeram faculdade e um até se tornou escritor. E isso não será apenas refletido na família Saracura, irá se estender por todos os *tabaréus*, pois, dessa maneira,

[...] outros pequenos tabaréus começaram a achar que o seu mundo não era mais tão pequeno. Muitos deles pensaram até que lhes pertencia por inteiro e ocuparam suas esquinas com pequenos comércios, suas estradas com caminhões de carga e os primeiros lugares nos vestibulares das faculdades da capital (JESUS, 2012, p. 237).

Enfim, em linhas gerais, a imagem de D. Florita é mostrada como uma mulher guerreira e que luta pelos seus desejos e batalha por melhorias para sua família, mesmo sabendo das dificuldades que possa encontrar pela frente. Trata-se de uma mulher que, por não ter tido a oportunidade de estudar como se deve, sabia de sua importância e almejou isso para os filhos e acabou conseguindo, mudando, com isso, não só o destino da família Saracura como também possibilitando a mudança de postura de outros *tabaréus*.

Conclusões

A partir da análise realizada, podemos constatar que, mesmo sendo um romance memorialista, no qual o narrador é um dos personagens que vivenciou alguns fatos, estes não podem ser lidos como plenamente realísticos, tendo em vista a passagem, no primeiro capítulo, em que o orador fala que a obra mescla ficção e realidade, além de haver “nomes verdadeiros em casos imaginados, e vice-versa”. (JESUS, 2012, p.11) Todavia, mesmo contendo esses causos imaginados ou não, devemos levar em consideração o teor histórico e cultural que apresenta, devendo ser considerado como uma obra capaz até de ser igualada a livros canônicos da literatura nacional, por tratar de ocorrências que revelam tanto aspectos da história e da cultura da cidade de Itabaiana, quanto do estado de Sergipe.

Em relação ao ethos ou aos ethé evidenciados, podemos inferir que o ethos do orador mostra-se o de um homem culto, que, apesar de ter vivido no campo e ter sido um tabaréu, conseguiu se sobressair e alcançar um *status* pouco alcançado por moradores daquela região. Além disso, revela-se como uma pessoa preocupada com a história e a cultura de sua cidade, visto que são retratados, na obra, crenças, costumes e tradições do tempo e do espaço focalizados, mas que, porventura, ainda podem vigorar na região.

Com relação ao termo *tabaréu*, vimos que ele caracteriza pessoas desprovidas de experiência, pessoas inocentes, que seriam os caipiras, e que possuíam/possuem hábitos diferentes das pessoas da cidade. A imagem do tabaréu construída no texto não diz respeito à classe socioeconomicamente que se situa, tendo em vista que o orador retrata, na obra, os meninos da cidade e as tiradoras de junco sendo mais pobres do que ele.

Além dessas imagens construídas, encontramos também a do homem machista e a da mulher batalhadora mesmo diante das dificuldades que a vida impôs a esta, bem como a representação da passividade, da inferioridade e da animalização pelas quais a mulher passava na época; notam-se ainda as imagens de um deus vingativo ou maléfico; e a imagem das pessoas que colocam a religião acima de tudo, que acreditam nas crenças e vivem de valores tradicionais, próprios da cultura popular.

Também encontramos, na figura de D. Florita, a mulher guerreira, que não desiste de seus ideais e que quer o melhor para os seus filhos acima de qualquer coisa. E que, por conta disso, acabou transformando o destino não só dos pequenos Saracuras como também dos outros *tabaréus* da região.

É notório destacar o fim do romance, tendo em vista que ele termina com a ida de Tonho para estudar na capital, e o orador nos esclarece que a continuação da história estará presente no livro *Os meninos que não queriam ser padres*. Isso nos faz identificar um dos mecanismos de manipulação, a tentação, posto que é proferida previamente a continuação da história em outro livro, fazendo com que o leitor fique curioso e compre sua continuação a fim de saber como se desenrola essa história. Essa extensão da narrativa não nos impede de explorarmos ainda mais, em trabalhos posteriores, a análise da história do menino Tonho, agora fora do ambiente rural e que, devido a isso, pode, talvez, vir a deixar de ser um tabaréu.

Destacamos, neste trabalho, a importância de estudarmos uma obra de um escritor local, tendo em vista a riqueza histórico-cultural que o livro possui, fazendo com que as nossas análises ajudem outros pesquisadores, ou até mesmo professores e alunos tanto do *Campus* quanto da cidade, a conhecerem fatos que desconheçam e também, a partir das análises aqui apresentadas, tornem-se leitores mais críticos e compreendam a importância dos estudos da argumentação tanto na nossa vida acadêmica quanto na nossa vida pessoal.

Referências Bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. et all. *In: Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 09-28.
- _____, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. et all. *In: Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-144.
- ARAÚJO, Nara. Cultura. *In: Dicionário de estudios culturales latinoamericanos*. SZURMUK, Mônica; IRWIN, Roberto MvKee (coords.). México: Siglo XXI: Editores Instituto Mora, 2009. p. 71-74.
- ARISTÓTELES (384-322 a.C). **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- BARROS, Diana. L. P. Estudos do discurso. *In: FIORIN, José Luiz (org.) Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 187-219.
- COHEN, Jean. et all. *In: Pesquisas de Retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.
- FARIAS, Sônia L. Ramalho de. Memorialismo, autobiografia e narrador pós moderno: a prosa literária brasileira na literatura de Silvano Santiago. *In: Iris*, Recife. v.1/ nº 1/ p. 67-76, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- JESUS, Antônio Francisco. **Os Tabaréus do Sítio Saracura**. Aracaju: Info Graphics Gráfica e Editora, 2012.
- Magno dicionário brasileiro de língua portuguesa** / coord. Raul Maia Jr., Nelson Pastor. – São Paulo: Difusão Cultural do livro, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. et all. *In: Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.
- MARIANO, M. R. C. P. **As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas**. Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. A construção da imagem discursiva de uma cidade e de um povo na literatura de cordel. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (3), p. 1377-1388, set-dez 2013.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [Original de 1958]
- SANTANA, Flávio Passos; MARIANO, Márcia Regina Curado. A construção do ethos de uma cidade e de seus habitantes em uma revista local. *In: EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (UESC)*. Ilhéus, n. 5, p. 74-88, dez. 2013.